

O GOLPE DO LATIM.

ALCEU DIAS LIMA

Universidade Estadual Paulista

"Há palavras que dão poder, outras que deixam mais desamparados, e dessa espécie são as palavras vulgares dos simples, a quem o senhor não concedeu o saber exprimir-se nas língua universal da sabedoria e do poder". (U. Eco)

Resumo: A lingüística saussuriana possui a resposta para um certo número de questões que, pelo menos na Europa, se vêm fazendo ao ensino das línguas antigas tal como o concebeu a escola humanista. O trabalho visa a encaminhar algumas dessas questões pelo que toca ao ensino do latim no Brasil.

Palavras-chave: Ensino; língua; fala; competência receptiva.

Para iniciar um livro recente sobre didática do latim, P. V. Cova julga oportuno declarar que essa sua obra vai limitar-se à língua e ao caráter não profissional da matéria na escola média italiana, tendo ainda em vista o modo como estão organizados os seus currículos na atualidade – a edição é de 1982. O autor insiste também em deixar claro que lá as coisas poderiam ser diferentes do que são, pelo que toca ao latim, isto é, ele poderia ser aprendido com vistas ao exercício de uma profissão. Mais digna de nota e, até um certo ponto curiosa, é a observação feita a seguir, por seu cunho pouco familiar a brasileiros, acostumados a ouvir falar só das benemerências gramaticais do latim, banido, não se sabe por quê, da escola e arrastando na derrocada, ouve-se mesmo dizer, o inteiro edifício escolar. Eis, em contrário, as inesperadas palavras de Cova: *"Nem mesmo nesses limites muito precisos pode o latim invocar direitos de cidadania na escola só pelos seus méritos passados. O pior serviço que se pode prestar a essa disciplina é justamente o de conservá-la sem nenhuma crítica, por puro saudosismo"* (1982, p. 24). (A propósito, é urgente que certos autores de projetos de lei sobre o ensino leiam o livro de Cova. Assim a iniciativa de tais legisladores será, quem sabe, menos oportunistas e demagógicas.)

As idéias do professor italiano, aqui apenas indicadas, sem qualquer desenvolvimento, af estão para lembrar que existem formas não autoritárias e menos piegas de encarar o estudo das línguas antigas; que essas idéias constituem o objeto de uma reflexão em curso não só na península, mas em vários países europeus em que os estudos clássicos são tratados, segundo geral reconhecimetro com seriedade, não obstante se enfrentem por toda parte dificuldades quanto ao estatuto escolar que melhor lhes convenha. Inteirar-se dessa reflexão, melhor ainda, dela participar com seriedade e discernimento, leva, quem sabe, a que se evitem atitudes ridículas e até vexatórias como as do jornal de prestígio e circulação nacional, o mesmo que se arrega o direito de cobrar produtividade aos professores, mas não usa de nenhuma honestidade, ao acolher, sem qualquer ressalva, uma estupidez como *homus (sic) urbanus*, que aparece querer parafrasear *homo sapiens* da classificação lineana; ou esta outra não menos tola; principalmente, levado em conta o rebuscamento do estilo, o nome do signatário e sua pose erudi-

ta: “Autoridade” e “autoria” têm uma origem comum – vêm do verbo latino “ago” – que significa “faço”. A passagem está na *Folha de São Paulo*, de 19-06-91, caderno nº 1, p. 3, num artigo que não tem por objeto a linguagem. E ainda bem, porque a “informação” referente ao étimo dessas duas palavras, com que consagrado jornalista decano tenciona conferir brilho e *augmentar* a *au(c)toridade* do seu escrito não é *ago*, mas *augeo*, que não significa “fazer”, mas, precisamente, “aumentar”; só para completar o trio, o mesmo jornal, em sua edição de 31-03-91, premia o leitor com mais esta pérola em seu “Painel do Leitor”, aqui transcrita na grafia do jornal: “Leio na justificativa do tribunal e lembro-me de uma frase bem latina: *si (sic) non é vero*, é bene trovató!...”

Como bem se pode observar, não era necessária uma imaginação de romancista, nem o esforço do estudioso que trabalha com textos e os problemas sociais do trecentismo, de resto, semelhantes em tudo os da Teologia da Libertação com sua oposição de ricos e pobres e de um poder que sempre tende a estar do lado dos mais fortes, vale dizer, dos ricos; nada disso era preciso para se ter em mãos um arremedo de erudição como o daquele pobre pilantra, o Salvatore, de *O Nome da Rosa*. A personagem, acossada pelos rigores da Inquisição, tenta em vão disfarçar sua humilde origem popular numa mescla de vulgarismos e latim estropiado que ele crê ser “a língua universal da sabedoria e do poder”, como diz Adso, a personagem aposta a Salvatore. Eis como este último se exprime desde que abre a boca, descrita como “ampla e tosca, mais esticada à direita do que à esquerda, e entre o lábio superior inexistente, e o inferior, protuberante e carnudo, emergiam em ritmo irregular dentes negros e afiados como os de um cão (...): “Penitenziagite! Vide quando draco venturus est a rodearla a tua alma! La mortz est super nos! Implora que venha o santo papa para liberar-nos a malo de todas las peccata! Ah, ah, vos praz ista nicromancia de Domini Nostri Iesu Christi! Et anco jois m’ês dols e plazer m’ês dolrs... Cave el diabolo! Semper m’aguaita num canto qualquer para adentarme os calcanhares. Mas Salvatore não est insipiens! Bonum monasterium, e aqui se manja e se reza dominum nostrum. Et el resto valet um figo seco. Et amém. Não é?” (Eco, 1983, p. 64-4). A pilantragem do pobre Salvatore não o livrou da fogueira infelizmente. Mas não fica provado, diante de exemplos como os da *Folha de São Paulo*, os quais não são exclusividade sua, que o golpe do pobre histrião não deu de todo certo. Ou muitos pilantras mudaram de partido ou a pilantragem não era apanágio dos simples, como queria o século XIV.

A língua portuguesa, um dos vulgares excluídos da “língua universal da sabedoria e do poder”, oferece um belo exemplo dessa verdade pela boca não de um menorita camuflado em orgulhoso beneditino, mas pela do jagunço sertanejo Riobaldo. Ao esconjurar os demônios de Hermógenes e Ricardão que o mantêm sob cerco, exclama ele a certa altura do relato:

“Vá de retro!”

que é como o seu vulgar lhe permite decodificar o latim, mesmo o da *Vulgata*. Assim, onde o carrancudo saber de tipo escolar costuma encontrar matéria de troça e riso, riso que humilha, encabula e sobretudo inibe, a intuição criativa e bem humorada do poeta salva tanto o sentido do texto em latim quanto o da língua novilatina que lhe sugere o novo texto. Mas o que lhe garante – ao poeta! – esse trato conciliador com as línguas é a seriedade com que procure ampliar e aprofundar o conhecimento delas.

É, com efeito, aí, no respeito ao sentido, o mesmo em latim e em português, que Guimarães Rosa, ao mesmo tempo em que mantém íntegro o caráter da sua personagem, cuja coerência é incompatível com conhecimento de latim, exorciza cristãmente o demônio com uma fórmula ritual e mantém-se nos limites de um saber filológico legítimo no âmbito dos dois idiomas, já que o *Vade retro da Vulgata* se recupera de maneira cômoda sob a versão de Riobaldo, sem que nenhum disparate seja dito em português, nem mesmo, insiste-se em relação à frase latina, à condição somente do que se aceite como substantivo o advérbio *retro*, do português. A brincadeira conduz antes a uma leitura em criptograma da frase portuguesa de Guimarães Rosa sob a frase latina de São Jerônimo, se se parte do latim e vice-versa, da frase latina sob a portuguesa, se, ao contrário, o ponto de partida for o texto em português. Trata-se, em suma, de uma tradução de Guimarães Rosa, se por tradução entendermos a expressão em

outro vernáculo de algum texto. Tradução inteligente, mesmo que não ortodoxa, voltada mais para o discurso e o que lhe é próprio como verdadeira manifestação do homem e da linguagem do que a uma nem sempre expressiva literalidade frasal.

Enganava-se, pois, o velho monge de *O Nome da Rosa* na sua arrogante erudição, ao contrapor-se à tola pretensão de Salvatore, bem como se enganam todos os que, como ele, continuam acreditando que uma língua confere poder e prestígio por si mesma, apenas por seu caráter cifrado e pela influência dos grupos ligados a forças de dominação que a tomam por código. Corrija-se então a epígrafe: a única língua compatível com a sabedoria e com o homem é a da poesia. Esta, confirma-o o poeta sertanejo Riobaldo, desconhece fronteiras entre idiomas. O conceito que a ele preside é o da linguagem, tão amplo que com ele é possível definir o próprio homem, quer o *sapiens*, de Lineu, quer o *ludens*, de J. Huizinga. Da linguagem faz parte não apenas o que, nas línguas, que a manifestam, pode reduzir-se a uma álgebra, como a fonologia, a morfossintaxe e o léxico. Se por esses aspectos começamos, ainda que em nível escolar, é só porque razões didáticas levam a compreender que, em linguagem, é da natureza das coisas não queimar as etapas. É de fato uma correta visão do sistema gramatical subjacente à língua dos romanos que permite compreender, por seu turno, outros níveis da expressividade atinentes ao que se costumou chamar retórica, poética, estilística e, mais recentemente, fonostilística, ou mesmo, teoria do texto ou do discurso. É tão anti-histórica uma gramática latina de tipo donatiano, aquela que manda decorar "declinações" como se fossem realidades em si, por separado do valor da flexão no sistema expressivo, quanto uma lingüística puramente formal, por mais que procure convalidar-se nesta ou naquela língua moderna ou antiga. Por uma razão muito clara, ou seja, nem Donato, nem um lingüística puramente formal garantem o emprego correto das línguas, se por emprego correto entenderem-se não apenas os rigores de uma norma e sim a capacidade de participar da vida expressiva dessas línguas na enunciação ou na recepção dos discursos.

Résumé:

La linguistique saussurienne est en mesure de répondre aux questions modernes que l'on est en train de poser à l'enseignement des langues anciennes selon le point de vue des humanités, du moins en Europe. Ce travail a comme but de récupérer pour nous quelques unes de ces questions.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Rio, Nova Fronteira, 1983.
COVA, Pier Vincenzo. *Latino e Didattica della Continuità*. Brescia: Ed. La Suola, 1982.